

# O MOMENTO: um arauto de Cruzeiro no ano de 1933.

Cláudia Ribeiro<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Neste artigo pretendo trazer à luz a relevância do Jornal O Momento para a cidade de Cruzeiro no ano de 1933, enquanto um arauto de reivindicações e arregimentações, e também como percebeu o espaço urbano cruzeirense que se insere nessa sociedade.

As ferrovias, na década de 30, tem importância estratégica para a economia do país, mas também, é necessário ressaltar, o papel significativo dos ferroviários nas organizações de greves e lutas sindicais nesse período. É dentro desse envolvimento dos ferroviários com as lutas políticas que se encontra o início da publicação do Jornal O Momento.

Essa imprensa local provoca algumas questões como o seu curto período de sua publicação, uma cidade essencialmente ferroviária; a possibilidade de ser definido como um jornal de esquerda e um meio de resistência cruzeirense.

Primeiramente, procuro apresentar essa imprensa, que tem por objetivo arregimentar e conscientizar os ferroviários da Estrada de Ferro em questão, e a cidade com seus artigos. Em seguida apresento como esse jornal percebe o espaço urbano e o cotidiano cruzeirense.

Para a elaboração teórica da pesquisa utilizei alguns conceitos que me permitiram uma discussão mais densa. Quando uma discussão traz a imprensa como objeto de estudo, é necessário concebê-la como algo que se *“constitui muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição*

---

<sup>1</sup> Mestranda em História Social pela PUC-SP

E-mail: claudia.historia@uol.com.br

*de uma consciência história<sup>2</sup>*”. Partindo dessa premissa, busquei analisar o jornal como algo que constitui em si o processo de uma conjuntura história para Cruzeiro em 1933.

Percebendo essa imprensa como parte constituinte da construção do espaço público e a sua participação nas disputas sociais, estabelecendo uma relação entre ela e o viver urbano em Cruzeiro<sup>3</sup>. E também, me questionar, se esse jornal é fruto de uma configuração geográfica trazida pela chegada das ferrovias, visto que o mesmo está diretamente ligado a causa ferroviária.

Chartier (1990; p.19), em seu estudo sobre as representações, afirma ter como objetivo principal identificar a forma como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler, conforme o contexto social.

Desta forma pode-se pensar a história cultural do social tomando por objeto a compreensão das formas e dos motivos, isto é, partindo das representações do mundo social, no qual os atores que dela fazem parte, podem traduzir as suas posições e interesses de forma objetiva, e que de forma paralela, descrevem a sociedade tal como pensam que ela seja, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 1990; p. 16), havendo neste sentido, uma participação efetiva da sociedade nos processos de sua própria compreensão.

## 1. O MOMENTO

O jornal “O Momento” tem início em Cruzeiro, interior de São Paulo<sup>4</sup>, no ano de 1933, chegando à cidade para ser um semanário disposto a lutar pela causa ferroviária e, acima de tudo, com um ideal de conscientização política e social. Sua impressão é feita modestamente na cidade, possuindo um formato de 29,7 cm de largura x 52 cm de

---

<sup>2</sup> CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da C. **Na oficina do historiador**: conversas sobre história e imprensa. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 35, dez. 2007, p. 253-270.

<sup>3</sup> CRUZ, H. F. **São Paulo em papel e tinta**. Periodismo e vida urbana – 1890 – 1915. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

<sup>4</sup> A região onde se encontra Cruzeiro é denominada, dentro do Estado de São Paulo, de Vale do Paraíba. Para situar melhor o leitor basta afirmar que é o percurso da BR-116, Via Dutra, estrada que liga a capital paulista à cidade do Rio de Janeiro.

altura e constando de quatro páginas, no qual é distribuído os artigos e propagandas comerciais locais e às vezes regionais (de algumas de cidades do Vale do Paraíba e Sul de Minas).

Tem como diretor-responsável<sup>5</sup>, financiador, idealizador e dono o ex-ferroviário aposentado Durval Pereira, que assina a maioria dos artigos publicados. Os outros artigos, que nele se encontra, são assinados esporadicamente por personalidades locais e corriqueiramente por pseudônimos, que ao confrontar, o jornal, com o prontuário do DEOPS de Durval é esclarecido que o próprio diretor os escreve, pois ele afirma em uma carta essa situação<sup>6</sup>

Em 22 de janeiro de 1933, O Momento evidencia-nos, em seu primeiro exemplar, explicações para o motivo de sua existência.

Porque surgimos

Surgimos do impulso interior de um núcleo de idealistas. Surgimos como uma afirmação valorosa de trabalho e cultura dessa terra! [...] Surgimos da fé e da certeza de que somos um povo honesto, culto e laborioso que despertamos do sono anestésico da indiferença, dos nossos problemas cujo prolongamento seria um crime. [...] Porque nos apiedamos do pobre que trabalha com miséria de alimentação, com insuficiência de cultura, com ignorância dos seus direitos sob o látigo impiedoso dos explorados [...] (O Momento, Cruzeiro, 22 jan 1933, n.1)

Definindo-se como um jornal que nasce com um propósito de defesa dos explorados, nesse caso específico, os ferroviários, pois como ainda dito nesse primeiro exemplar *“todo ferroviário da sul de Minas, cioso e consciente de seus deveres deve assinar ‘O MOMENTO’ que será o arauto de suas aspirações”* (O Momento, Cruzeiro, 22 jan 1933, n.1). Marcando sua proposta de lutar pelos direitos dos ferroviários.

Como um arauto, torna acessível aos trabalhadores e ex-trabalhadores informações sobre o cotidiano ferroviário, ao publicar em suas colunas decisões da Caixa de Pensão e Aposentadoria dos ferroviários da Estrada de Ferro Sul de Minas, crônicas, sobre o dia a dia e angústias desses trabalhadores, e uma sessão chamada Correspondência Ferroviária no qual podem dar sugestões e opiniões.

---

<sup>5</sup> De acordo com a identificação encontrada na fonte (O Momento).

<sup>6</sup> Será discutida essa questão de que o próprio Durval escreve todos os artigos publicados no jornal na página 9.

O Rondante (conto ferroviário)

[...] Bem desejava faltar àquela ronda, pois sua filhinha estava cada vez pior e ele tinha um vago pressentimento de que a encontraria, de volta, sem vida.[...]

O trem ao qual ia dar o sinal de passagem livre, era de passageiros, levava portanto, muitas vidas que precisavam ser veladas.

Compreendendo a sua responsabilidade, medindo-lhe o alcance e o apelo que lhe fazia a consciência, Zé Geraldo, abafou, com um soluço, o amor paterno e foi-se<sup>4</sup> em cumprimento de sua missão. [...] (O Momento, Cruzeiro, 5 fev. 1933, n.3.)

Também define como seu propósito a organização sindical dos ferroviários, fazendo do jornal um veículo esclarecedor e organizador dessa idéia.

[...] Hoje procuramos expor e abranger em linhas gerais o que temos em mente.

Que a sindicalização das classes é uma necessidade atual, ninguém o nega. Ousamos mesmo afirmar que nela reside a estabilidade e confiança de chefes e chefiados.

Assim pensando decidimos dedicar-nos ao serviço da sindicalização dos ferroviários [...] (O Momento, Cruzeiro, 12 fev. 1933, n.4)

Essa proposta logo é alcançada devido à circulação do jornal, que acontece pelos próprios trilhos da ferrovia, alcançando um número significativo de cidades, conforme anunciado em sua primeira publicação, *este jornal circula em São Paulo e seu interior, em Belo Horizonte e interior de Minas, no Rio e interior do Estado do Rio* (O Momento, Cruzeiro, 22 jan 1933, n.1.).

A relação que se estabelece entre a circulação do jornal e a sindicalização dos ferroviários da Estrada de Ferro Sul de Minas é que “O Momento” organizou e mobilizou esses trabalhadores publicando em suas páginas informações sobre a legislação que regulamentava a formação dos sindicatos, enfim, esclarecendo-os sobre esse processo de organização trabalhista.

Em 26 de março de 1933 é realizado no Teatro Capitólio, em Cruzeiro, a posse da diretoria do Sindicato dos Ferroviários da Estrada de Ferro Sul de Minas, que contou com a presença e o discurso de Pontes de Miranda<sup>7</sup> para dar início a essa conquista dos

---

<sup>7</sup> Pontes de Miranda (Francisco Cavalcanti P. de M.), advogado, jurista, professor, diplomata e ensaísta, nasceu em Maceió, AL, em 23 de abril de 1892, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de dezembro de 1979. Estudou Direito na Faculdade do Recife, onde se bacharelou em 1911, com 19 anos. Estreou aos 20 anos com o ensaio filosófico *A moral do futuro*, prefaciado por José Veríssimo. A partir dessa época não cessou de escrever a sua grande obra, que abrange os campos da Sociologia, da Filosofia,

trabalhadores da rede férrea. Nessa solenidade Durval anuncia ser O Momento veículo oficial do sindicato em questão, conforme publicado em um no jornal em 09 de abril de 1933, no qual descrevia todos os acontecidos do evento que formou o sindicato.

Além da questão sindical, essa imprensa local visa à conscientização, instigando novas questões à sociedade cruzeirense.

O alistamento eleitoral feminino em Cruzeiro está sendo uma decepção para mim. Eu esperava ver uma verdadeira romaria de mulheres correndo afobadas para conquistarem o título de cidadã, e afinal é essa pasmaceira: o passadíssimo amor ao fogão![...] (O Momento, Cruzeiro, 29 jan. 1933, n.2).

[...] Diante desse deserto de idéias, resolvi organizar<sup>8</sup> um partido de peso, um partido que não fosse partido, isto é, quebrado mas inteiro, um partido onde a alma e o temperamento brasileiro encontre margem às manifestações confraternisadora de uma ideologia modernamente sã: PARTIDO CARNAVALESCO BRASILEIRO (O Momento, Cruzeiro, 12 fev. 1933 n.4).

Nos fragmentos acima é percebido sua preocupação com questões significativas como o voto feminino<sup>9</sup> e ideologias partidárias, tornando-o peculiar para uma região interiorana. Ainda sobre o ato de votar, nas eleições que ocorreram em três de maio, do ano em questão, houve grande campanha do jornal para que a população comparecesse

---

da Matemática e, acima de tudo, do Direito. Foi professor da Universidade Nacional, da Universidade do Recife e de outras; conferencista, no Brasil e no estrangeiro; membro de várias instituições culturais; desempenhou numerosas missões diplomática. Advogado militante, exerceu o cargo de Desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal até 1939, quando foi transferido para a carreira diplomática, na qualidade de embaixador na Colômbia. Com o livro A sabedoria dos instintos, recebeu em 1921 o prêmio da Academia Brasileira de Letras. Em 1925, a Academia voltou a premiá-lo com a sua láurea de erudição, pelo livro Introdução à sociologia geral. Sua obra mais importante é o célebre Tratado de Direito Privado, em 60 volumes, concluído em 1970. Na sua obra imensa, a parte mais numerosa é a bibliografia jurídica, dominada pelas perspectivas perenes do seu espírito múltiplo: concepção científica do Direito, progresso científico, liberdade, humanismo, visão poética, antitotalitarismo, senso da democracia, inspiração filosófica, preocupação ética. Caracterizou-o um voluntarismo pragmatista, sempre dinâmico e insatisfeito. Mais voltado para a questão metodológica do que para o plano epistemológico, foi um realista, ansioso pela cientificidade do Direito e da Filosofia. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=276&sid=130&tpl=printerview>>; Acesso em: 22 out 2010.

<sup>8</sup> Respeitando a grafia da fonte.

<sup>9</sup> O feminino só se torna obrigatório com a Constituição de 1934 no governo de Getúlio Vargas, em 1933 era facultativo.

às urnas, o que de fato ocorreu, pois, 88% da população<sup>10</sup> exerceram seu direito a escolha eleitoral.

Uma singularidade desse episódio, acima citado, é o número de votos obtidos pelo Partido Socialista Brasileiro, cerca de 500 votos. Esse fato leva-nos a perceber os ecos que o jornal tem sobre a população local, pois o mesmo, durante a campanha para que a população fosse votar pedia votos para o Partido Socialista. A apropriação dessa imprensa pelos cruzeirenses será discutida mais adiante.

Ao eleitorado cruzeirense que sabe pensar e deseja um Brasil remido recomendamos votar nos candidatos do Partido Socialista! (O Momento, Cruzeiro, 30 abr. 1933, n.13).

[...]

**SOCIALISTAS!...**

A nossa crise culminou...e chegou o momento dela desaparecer. Arrigimentemos, portanto, os nossos homens para sufragarem nas urnas os nossos candidatos, e erijamos depois o edifício idealista da Nação. O momento é de calma e ação. Nada, portanto, tão oportuno como seja a convocação para a ação construtora, das forças que defendem as nossas idéias (O Momento, Cruzeiro, 30 abr. 1933, n.13).

É percebido um apelo sobre as questões sociais, havendo pedidos do jornal para que católicos, espíritas, comerciantes e prefeitura mobilizem-se para acabar com mendicância na cidade.

Outros temas também fazem parte desse semanário que em suas publicações sempre abordava assuntos sobre teosofia, explicando as concepções dessa prática religiosa; poesias de escritores locais e de seu diretor. As questões culturais corriqueiramente são publicadas propagandas de escolas locais, filmes, livrarias, peças teatrais e apresentações musicais.

Durante sua breve existência, que ocorreu somente no ano de 1933, o jornal se dedicou a luta social e proletária, expondo suas opiniões e ideais em tom ácido. Essa exposição ideológica compromete-o passando a ser apontado como um agitador, pelo DEOPS, pois em suas páginas tecia idéias sobre socialismo, Marx e luta operária.

---

<sup>10</sup> Esse número é significativo, pois, de acordo com o poeta Castro Lima, a cidade em 1934, possuía cerca de 25000 habitantes, ou seja, cerca de 22000 habitantes foram as urnas. (ANDRADE, p. 130, 1994)

Talvez tenha sido esse o motivo que levou o jornal ao fim, deixando publicados 41 edições de luta e resistência na história de Cruzeiro naquele ano.

### 1.1 DURVAL PEREIRA

Durval Pereira nasceu em Japuíba, Estado do Rio de Janeiro, próximo a Angra dos Reis, onde passou a infância. Sua educação foi dada pelo Colégio Anchieta<sup>11</sup> em Nova Friburgo-RJ, o que evidencia uma formação intelectual refinada. Trabalhou durante 14 anos na ferrovia Sul de Minas, na cidade de Leopoldina e Passa Quatro, e aposentou-se por possuir graves problemas respiratórios. Além de ferroviário, destaca-se como poeta, musicista e pintor, conforme alega outro jornal da cidade.

[...] A capacidade intelectual desse jornalista já conhecida na cidade, sob outros aspectos diversos. Musicista, pintor e poeta, o seu talento multiforme se manifestará com brilho intenso [...] (O Cruzeiro<sup>12</sup>, Cruzeiro, 30 jul. 1933, n.43).

Funda “O Momento”, na cidade de Cruzeiro em 1933, onde residia com sua mulher e seus quatro filhos, mas estreou na imprensa fluminense em sua época de estudante, e escrevia para diversos jornais.

[...] Aprendi a esgrimi-lo no < Colégio Anchieta > de Nova Friburgo. Estree-me na imprensa fluminense onde matei varios valientes com meu florete. Tenho esgrimido na imprensa provinciana do E. São

---

<sup>11</sup> Seus fundadores foram Padres e irmãos jesuítas italianos da Província Romana a partir do dia 12 de abril de 1886. O Colégio começou a funcionar na casa-grande da antiga fazenda e sesmaria do Morro Queimado, conhecido pelos colonos suíços com o nome de "Chateau", ainda usado pelo povo da cidade para designar o Anchieta. O Colégio foi fundado como Internato para alunos de todo o Brasil.

Com o aumento do número de alunos, iniciou-se a construção do grande e majestoso edifício atual, no dia 1º de janeiro de 1901. Sua construção durou oito anos. O Anchieta logo se tornou famoso e conhecido em todo Brasil, pela excelente educação que dava a seus alunos.

Os professores eram todos Padres Jesuítas, mas em 1922, com a diminuição dos padres vindos da Itália, foi preciso acabar com o internato e transformar o Anchieta em seminário, para a formação de Jesuítas Brasileiros. Em pouco tempo, o Colégio encheu-se de seminaristas que iam desde o seminário menor chamado Escola Apostólica, até a Faculdade de Filosofia. Depois do Internato - (1ª fase), o seminário foi a segunda fase da história do Colégio. Disponível em: < <http://www.colegioanchieta.org.br/historia.html>>, Acesso em: 01 jun 2011.

<sup>12</sup> O Cruzeiro era outro semanário publicado em Cruzeiro no ano de 1933, seu dono e também escritor de suas páginas era Eurico Pereira Pena.

Paulo – em Itapetininga, Itú, São Roque e Sorocaba; na imprensa sul-mineira, onde sou bastante conhecido. (O Momento, Cruzeiro, 23 jul. 1933, n.24)

Nessa fala de Durval, é percebido a sua atuação na imprensa, que como afirma ser de fato uma luta, e também, a refletir sobre a sua insatisfação perante determinada realidade. Se esses *valientes*, como diz, seriam opressores de alguma forma, questionamento que espero solucionar ao término da pesquisa, mas que, agora, me permitem analisar o jornal como um espaço de extensão da sua luta e de seus ideais.

Nas páginas de seu prontuário do DEOPS, que consta de 54 páginas entre os anos de 1933 a 1935, fica evidente a militância desse personagem, apontado inúmeras vezes como um cidadão perigoso e comunista.

A sua posição ideológica de esquerda é definida ao longo de 1933, juntamente com a publicação do jornal.

Si tens lido “O Momento” deves ter percebido meu avanço resolutivo para a esquerda nos meus artigos: “Escravo antigo e moderno”, “A Machina”, “A Luta” e “Família” que me valeram a atenção policial e a prudente recomendação de não continuar nesse caminho enganoso e perigoso. Eu, porém, avancei demais para recuar, mergulhei muito fundo, enxerguei a Verdade e me radiquei nela. (Prontuário Durval, p. 40)

A leitura do prontuário do DEOPS me possibilitou entender mais sobre os ideais e a trajetória de Durval.

O processo de arquivamento do DEOPS é realizado de forma decrescente, ou seja, do maior para o menor, nesse caso de 1935 para 1933.

Em 14 de setembro de 1935, no prontuário, Durval é apontado como a *Vanguarda do Comunista na região* (Prontuário Durval, p.8), pelo delegado de ordem. Podendo subentender, ao confrontar com trecho da carta transcrita acima, escrita em 10 de novembro de 1933, que a sua militância de esquerda se define ao longo da publicação do jornal.

Deixa evidente também, que mesmo após o fim da publicação do jornal, que se deu em dezembro de 1933, esse ex-ferroviário não abandonou as atividades de luta em

prol dos ferroviários, tornando-o, conforme os relatórios do DEOPS, um grande procurado e militante comunista.

Essa questão da militância de esquerda, no qual Durval se define, e a definição dada pelo DEOPS, ainda não estão muito esclarecidas pra mim. Será realizada uma pesquisa mais detalhada sobre essas questões, no qual acredito ser um amadurecimento da pesquisa. Sendo necessário distinguir as diferenças entre socialismo e comunismo na década de 30 no Brasil

## 2. CRUZEIRO

A cidade de Cruzeiro é fruto da chegada das ferrovias no país, a Estrada de Ferro D. Pedro II e posteriormente a Estrada de Ferro Rio-Minas. A criação da Estação do Cruzeiro, com a Estrada de Ferro D. Pedro II (que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro) trouxe um novo estímulo econômico para a região, sendo o alento criador de Cruzeiro. Embora no local já existissem cabanas e casebres pertencentes a colonos da fazenda Boa Vista do Major Novaes, é com a chegada dos trabalhadores da estrada em construção e dos agrupamentos instituídos nos alojamentos de madeira, em torno das obras da ferrovia, que se forma a cidade de Cruzeiro. Assim, sob a égide do transporte ferroviário, o núcleo inicial da Estação do Cruzeiro rapidamente se desenvolve.<sup>13</sup>

O aumento demográfico mais significativo ao povoado da Estação foi trazido pela construção da ferrovia Minas *and* Rio (que ligava o estado do Rio ao estado de Minas). No ponto de intersecção das duas ferrovias em 1901 se constitui o município de Cruzeiro.

Para a construção da ferrovia, que desbravava a Serra da Mantiqueira, vieram em 1881, para a futura Cruzeiro, engenheiros ingleses, que além da estrada de ferro, influenciaram também a construção do espaço urbano local.

---

<sup>13</sup> GUIMARÃES, Joaquim de Paula. **Síntese da História de Cruzeiro**, Cruzeiro: Edição Prefeitura Municipal de Cruzeiro, 1951.

Essa característica urbana inglesa é evidenciada na estrutura citadina, no qual ruas e quadras são largas e simétricas, de acordo com a nova concepção estética urbana européia, que visava simetria e organização em busca do progresso.

É possível afirmar sob essas circunstâncias que a cidade já nasce dentro de plano urbanístico definido. É óbvio que ao longo dos anos foram se aperfeiçoando, mas não reformando como ocorreu nos grandes centros do país.<sup>14</sup>

Para que se compreenda o jornal “O Momento”, se faz necessário a compreensão dessa cidade, enquanto espaço construtor de territorialidade.

O espaço urbano, no seu processo de transformação, é simultaneamente registro e agente histórico. Nesse sentido, deve-se destacar a noção de territorialidade, identificando o espaço urbano enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias. Espaços que, além de sua existência material, são também codificados num sistema de representação [...] (ROLNIK *apud* MATOS, p.9, 2004).

Essa cidade se apresenta, de acordo com o jornal e Carlos Borromeu<sup>15</sup>, como um centro urbano estruturado possuindo, em 1933, 1895 prédios, onze fábricas de banha, três usinas de laticínios, uma cerâmica, um frigorífico, três cinemas, um teatro, fábricas de bombons, malas camas e colchões, olarias, fábricas de ladrilhos, sabão, móveis, massas alimentícias, farinha de milho, bebidas, 405 comerciantes, escolas, gráficas, livrarias, bancos, lotéricas, asilo, Santa Casa, Clubes esportivos, estádio de futebol, igrejas, loja maçônica e também Sede da Administração da Estrada de Ferro Sul de Minas.

Por ser uma cidade de entroncamento, férreo e geográfico, entre São Paulo-Minas- Rio, sua característica populacional, como descreve os historiadores cruzeirenses, era de transitoriedade. Essa especificidade se dá devido ao grande fluxo de pessoas, que iam e vinham pela ferrovia, constituindo assim uma sociedade heterogênea formada por paulistas, mineiros e cariocas.

---

<sup>14</sup> É o caso das reformas urbanas experimentadas pelo Rio de Janeiro, Santos e São Paulo.

<sup>15</sup> ANDRADE, Carlos Borromeu. **Os Pioneiros da História de Cruzeiro**. Cruzeiro: Centro Educacional Objetivo. Fundação Nacional do Tropeirismo, 1994

Essa sociedade foi marcada pelo trabalho na ferrovia, caracterizando-a como proletária, apesar de possuir outros tipos de ocupação (comércio, agricultura e indústria). E é dentro dessa estrutura do ‘viver ferroviário’ que o jornal “O Momento” nasce, se constituindo uma representação da realidade de trabalho experimentada em Cruzeiro.

### 3. COTIDIANO E IMPRENSA

O cotidiano revelado, pelas fontes, sobre Cruzeiro, em 1933, é experiência do desenvolvimento e progresso proporcionado pela Estrada de Ferro Sul de Minas, que trouxe para esse espaço urbano oficinas, escola, Cooperativa – com lojas e farmácia – e a Sede administrativa, tornando a cidade o núcleo dessa ferrovia.

Esse cotidiano, que busco revelar pelas fontes, é trazer a luz situações e vivências múltiplas de possibilidades para a construção de uma nova conjuntura histórica cruzeirense.<sup>16</sup>

Não seria, então, redundante afirmar que a realidade cruzeirense é pautada pela ferrovia, pois além de dinamizar a economia local se configura como um porto de chegadas e partidas.

Assim como o porto de Santos<sup>17</sup>, foi um lugar de experiências múltiplas, chegada do imigrante, outras culturas, um lugar de trocas e apropriações, que moldaram o viver urbano. A ferrovia para Cruzeiro permite as mesmas possibilidades, pois é por ela que chegam e partem pessoas, ideias, mercadorias e notícias.

A população local se apropriou tanto dessa rotina do “ir e vir”, que a Estação também se tornou um espaço social, de lazer, pois nos horários de baldeações dos trens para São Paulo, Rio ou Minas, lá estavam os cruzeirenses a esperar, conversar e observar a chegada e partida dos trens e pessoas. Era onde se faziam os negócios,

---

<sup>16</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

<sup>17</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. Santos, o porto do café: cidade, cotidiano e trabalho. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v.XXX, n.2, p.9-26, dezembro 2004.

contatos, esperava e despachava mercadorias, enfim, lugar onde permitia a cidade romper suas fronteiras pela linha do trem.

Acredito ser esse cotidiano um dos fatores que possibilitou a criação d'O Momento na cidade. É arriscada essa afirmação, mas se levarmos em consideração o cotidiano marcado pelo viver socialmente e culturalmente a ferrovia, o local sede da administração da Sul de Minas e a quantidade de trabalhadores ferroviários existentes essa afirmação é categórica.

Esse jornal, como já dito, de vida breve, se apropria do cotidiano local e acaba por ser uma representação social cruzeirense, já que a sociedade que se constitui como ferroviária faz-se representar por um jornal que visa à causa ferroviária.

A percepção trazida pelo jornal é de uma outra Cruzeiro, diferente da que encontro ao andar pelas ruas hoje. Vislumbro em suas páginas uma cidade em pleno desenvolvimento.

Os autores<sup>18</sup> que escreveram sobre Cruzeiro a apontam como um lugar de entroncamento entre os Estados de São Paulo, Minas e Rio, e essa condição foi responsável pela circulação de ideias, colocando a cidade em uma posição de destaque para uma cidade de interior:

Nossa cidade, que ainda não atingiu meio século de existência, é, sem dúvida alguma, o mais importante centro ferroviário, industrial e comercial do norte de São Paulo. Não obstante os golpes desairosos que sofreu, foi a cidade que mais se desenvolveu no curto espaço de 40 anos. O seu progresso deve a sua invejável situação geográfica, verdadeiro cruzeiro donde tira o nome (O Momento, Cruzeiro, 12 mar. 1933, n.8).

É destacado também, pelo jornal, a presença de uma Escola Normal de Formação para professores, um instituto de música e festividades carnavalescas que eram utilizadas para realização de crítica social.

---

<sup>18</sup> Sobre a história de Cruzeiro ver, entre outros, ANDRADE, Carlos Borromeu. Os Pioneiros da História de Cruzeiro. Cruzeiro: Centro Educacional Objetivo. Fundação Nacional do Tropeirismo, 1994; GUSSEN, Pedro. História de Cruzeiro – Síntese Panorâmica. Cruzeiro: Edição CMC, 1986; GUIMARÃES, Joaquim de Paula. Síntese da História de Cruzeiro, Cruzeiro: Prefeitura Municipal de Cruzeiro, 1951; SILVA, Jaime Ribeiro. GUIMARÃES, Joaquim de Paula. CAMPOS, José. Antologia da Poesia Cruzeirense. Cruzeiro: Ed. Grupo Cruzeirense de Cultura – Prefeitura Municipal de Cruzeiro, 1961.

[...] Bem podia ter-se chamada de bloco da alegria-irônica, pois todo conjunto constituía uma irreverente *charge* de palpitante atualidade. A rapaziada do bloco dellas, no seu *humour*, espoucante fez alusão em sátiras maliciosas a homens e cousas nossas, o percorreu a cidade levando através de suas músicas o triunfo da alegria de viver [...] (O Momento, Cruzeiro, 12 fev. 1933, n.4)

Essa imprensa, de acordo com os indícios aqui apresentados, é influenciada pelo cotidiano ferroviário, o que me possibilita, conhecer pelas fontes, um pouquinho da sociedade de Cruzeiro no ano de 1933.

## FONTES

O CRUZEIRENSE. Cruzeiro. Eurico Penna, 1933-1935.

O CRUZEIRO. Cruzeiro. Argemiro Alves de Sá. 1934.

O MOMENTO. Cruzeiro: Durval Pereira, 1933.

Acervo fotográfico do Museu Pedagógico Major Novaes

## REFÊRENCIAS

ANDRADE, Carlos Borromeu. **Os Pioneiros da História de Cruzeiro**. Centro Educacional Objetivo. Fundação Nacional do Tropeirismo. Cruzeiro, 1994.

ARAÚJO, Silva Maria; BRIDI, Maria Aparecida; FERRAZ, Marcos, **O sindicalismo equilibrista: entre o continuísmo e as novas práticas**, Curitiba-PR, UFPR/NUPESPAR/Gráfica Popular, 2007

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**, Lisboa: DIFEL, 1990.

\_\_\_\_\_. **Formas e sentido - cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da C. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa**. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 35, dez. 2007, p. 253-270.

FENELON, Déa. **Cultura e História Social**: historiografia e pesquisa. Projeto História, São Paulo: N°10. 1993

GUIMARÃES, Joaquim de Paula. **Síntese da História de Cruzeiro**, Cruzeiro: Edição Prefeitura Municipal de Cruzeiro, 1951.

GUSSEN, Pedro. **História de Cruzeiro – Síntese Panorâmica**. Ed. CMC: Cruzeiro, SP, 1986.

FERREIRA, Maria Nazareth. **A Imprensa Operária no Brasil**. 1880 – 1920. Petrópolis: Vozes, 1978.

GIORGETTI, Camila. **Poder e contrapoder**: imprensa e morador de rua em São Paulo e Paris. São Paulo: FAPESP/EDUC, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Rogério; COSTA, Ronaldo (org.). **O imaginário da cidade**. Brasília: Ed. UNB, 2000.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

\_\_\_\_\_. Santos, o porto do café: cidade, cotidiano e trabalho. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v.XXX, n.2, p.9-26, dezembro 2004.

MOURA, Jerson de. **Cine Teatro Capitólio a marca da História**.? 90 f. (Graduação em História) – Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos. Acervo da Secretaria de Cultura e Turismo de Cruzeiro.

SILVA, Jaime Ribeiro; GUIMARÃES, Joaquim de Paula; CAMPOS, José. **Antologia da Poesia Cruzeiroense**. Cruzeiro Ed. Grupo Cruzeiroense de Cultura – Prefeitura Municipal de Cruzeiro, 1961.

SOUZA, Ana Maria de. **Relatos da cidade**: nomadismo, territorialidade urbanas e imprensa: Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.